Existencialismo e Fenomenologia em Farias Brito sob a perspectiva de Fred G. Sturm

Elton Moreira Quadros*

Resumo: O presente artigo pretende apresentar o Existencialismo e a Fenomenologia que aparecem na obra do filósofo Farias Brito a partir da perspectiva do filósofo americano F. G. Sturm cuja leitura sustenta que as obras do filósofo brasileiro devem ser lidas levando em consideração a proximidade, mesmo inconsciente, com o método utilizado pela Fenomenologia e as inquietações apresentadas pelo Existencialismo. Para isso, destacamos alguns pontos de confluência entre as duas escolas citadas e o pensamento de Farias Brito, enfatizando, a importância de lançar novos olhares sobre a obra do pensador brasileiro.

Palavras-chave: método, psicologia, fenomenologia, existencialismo, essencialismo.

Abstract: This paper aims to present the Existentialism and the Phenomenology appearing on the work of philosopher Farias Brito from the perspective of the American philosopher F. G. Sturm whose readings implies that the work of the Brazilian philosopher should be read taking into consideration the proximity, even unconsciously, with the method used for Phenomenology and the concerns presented by Existentialism. We highlight some points of confluence between the two schools mentioned and the thoughts of Farias Brito, emphasizing the importance of launching new perspectives on the work of the Brazilian thinker.

Key words: methods, psychology, phenomenology, existentialism, essentialism.

Introdução

Em comunicação apresentada no IV Congresso Nacional de Filosofia realizado no Ceará quando do centenário de nascimento de Farias Brito, Fred Gillette Sturm expôs uma inédita tese sobre a atualidade do pensamento britiano.

Ao considerar o cenário filosófico da segunda metade do século XX caracterizado pelo modo de perguntar do existencialismo e pelo modo de analisar da fenomenologia, Sturm acredita que o pensamento do filósofo brasileiro terá novo significado, isso porque, no pensamento de Farias Brito

existe “nos seus motivos, e na sua interpretação da situação humana – social e individual – um paralelo, do ponto de vista básico, com o existencialismo atual; e que há na metodologia proposta por ele, e no programa filosófico anunciado por ele, um paralelo com a fenomenologia atual” (STURM, 1962, 91). Sendo assim, considera o comentador americano, ser de importância fundamental a leitura das obras do filósofo brasileiro à luz dos problemas e perspectivas colocadas por essas correntes do pensamento filosófico ocidental.

O Filósofo

Nascido em São Benedito no Ceará em 24 de julho de 1862, Raimundo de Farias Brito é uma controvertida presença na filosofia brasileira. Tido pelos (entre eles, Vitorino Félix Sanson e Sylvio Rabelo) como o único gênio filosófico brasileiro. É tido por outros como inconsistente e incapaz de um pensamento original.

Sua família para fugir da seca de 1877 muda-se para Fortaleza onde Farias Brito conclui os estudos secundários e segue para o Recife onde cursará Direito na famosa Faculdade de Direito do Recife, no tempo em que Tobias Barreto era professor e exercia uma grande influência.

Farias Brito teve uma vida bem movimentada, morou em vários estados brasileiros, exerceu diversos cargos públicos, mas, será como professor que viverá a maior parte de sua existência.

Inclusive, um acontecimento inusitado se dá quando do concurso para professor de lógica no conceituado Colégio Pedro II no Rio de Janeiro em 1909. Disputando vaga com 15 candidatos, Farias Brito fica em primeiro lugar. No entanto, o governador nomeia o segundo colocado, o então famoso autor de *Os Sertões*.

Em janeiro de 1917 Farias Brito falece deixando uma extensa obra e um ideal (BRITO, 1957, 29):

Tudo passa, tudo se aniquila. Pois bem: eu quero saber se do que passa e se aniquila, alguma coisa fica e em virtude da qual se possa ter amor ao que já não existe ou deixará de existir; se do que passa e se aniquila alguma coisa fica que não há de passar, nem aniquilar-se: quero estudar esta ciência incomparável de que falava Sócrates: quero ensinar aos que padecem como é que se pode

esperar com serenidade o desenlace da morte: quero dirigir aos pequenos e humildes palavras de conforto: quero levantar contra os tiranos a espada da justiça: quero, em uma palavra, mostrar para todos que antes de tudo e acima de tudo existe a lei moral, e que somente para quem se põe fora desta mesma lei que a vida termina.

O existencialismo no pensamento de Farias Brito

O existencialismo consiste num movimento filosófico que inicia com Søren Kierkegaard em meados do século XIX e terá uma diversidade de correntes e autores bem conhecidos, como: Gabriel Marcel, Albert Camus e Jean-Paul Sartre.

Este movimento filosófico caracteriza-se por um pensar o mundo a partir da reflexão sobre a existência real. O homem não possui uma essência abstrata e determinada a priori, por tanto, ele realiza no seu cotidiano o sentido de sua existência.

Sartre em *O Existencialismo é um Humanismo* (1973) chama a nossa atenção para uma questão fundamental quando tentamos entender o que é o existencialismo (SARTRE, 1973, 11):

O que torna o caso complicado é que há duas espécies de existencialistas: de um lado há os que são cristãos, e entre eles incluirei Jaspers e Gabriel Marcel, de confissão católica; e de outro lado, os existencialistas ateus, entre os quais há que incluir Heidegger, os existencialistas franceses e a mim próprio. O que têm de comum é simplesmente o fato de admitirem que a existência precede a essência, ou, se se quiser, que temos de partir da subjetividade.

No que diz respeito ao existencialismo no pensamento de Farias Brito, Sturm faz uma interessante citação de Cruz

Costa: “Crise intelectual, crise moral, crise social, crise religiosa, eis os temas da filosofia trágica de Farias Brito”. “Para ela, na nossa terra, tudo é crise, tudo anarquia” (STURM, 1962, 91). Farias Brito parece ter, mesmo implicitamente, a consciência de uma crise em toda a existência, quer individual quer social, ao longo de sua obra (BRITO, 1914, 31):

De maneira que tudo é incerto na vida, e ainda nas coisas que nos parecem mais claras, a todo o momento zomba de nós o destino, entregando-nos inermes ao joguete de forças desconhecidas. Vagamos como sombras na noite do mistério, e em vão soltamos queixas e gemidos em face do impenetrável que nos aterra; incertos do nosso destino; perdidos na imensidade do espaço e no infinito do tempo; certos somente da fragilidade de nossa existência e da morte inflexível que nos aguarda.

Para Sturm, Farias Brito estaria vinculado ao existencialismo, mas, não de forma “ortodoxa”. Pois rejeita o voluntarismo presente na filosofia da segunda metade do século XVIII e qualquer movimento antimetafísico.

Nisto, o comentador americano apresenta a formulação feita pelo teólogo Paul Tillich, que distingue na história das idéias, a presença de duas correntes desde o renascimento até o presente: sendo uma, a maior, definida como “racionalista, metódica, buscando o conhecimento através da forma, elemento, lei”. E a outra, menor, “mística, intuitiva, buscando o conhecimento através de criação, conflito, destino. Aquela representa o essencialismo, esta, o existencialismo”.

Assim, onde estaria inserido o pensamento de Farias Brito? Apesar da

definição apresentada por Francisco Elias de Tejada, ser bastante paradoxal, é ela que Sturm acredita ser a mais apropriada, neste sentido, o filósofo brasileiro seria um “existencialista racionalista”. Vivendo uma luta tremenda para unificar as duas correntes.

Conforme Sturm, Farias Brito, se encontrava do ponto de vista intelectual ligado ao essencialismo, mas, devido ao seu temperamento e às suas experiências, pertencia ao existencialismo. No primeiro caso, podemos notá-lo pelas constantes declarações de otimismo na realização de uma metafísica racional e, no segundo caso, notamos também o constante desespero frente à impossibilidade de compreender as coisas de modo significativo e verdadeiro.

Dessa forma, Sturm considera que podemos compreender a filosofia de Farias Brito tendo em vista ser essa uma filosofia de crise que está motivada por dois fatores: “um sentido forte de sofrimento e morte, dum lado, e, do outro, de corrupção e desintegração social”. No entanto, não busca Farias Brito descrever a situação humana ou a ordem social. O seu propósito está em fundamentar a partir de bases intelectuais seguras uma reconstrução da ordem social, possibilitando, também, ao indivíduo estar seguro perante a vida e a morte. Neste sentido, o empreendimento britiano está direcionado para a verdade. Mas, neste caso, a verdade é compreendida, segundo Sturm, a partir da definição de Paul Tillich, ou seja, a de uma “verdade existencial”, nas palavras do próprio filósofo brasileiro (BRITO, 1912, 75):

O que queremos é compreender a realidade mesma, a realidade com todas as suas lutas e

terrores, com todas as suas incertezas e mistérios; a realidade em toda a sua dureza e em toda a sua inexorabilidade, a realidade nua e crua, como seria preciso dizer, a realidade na sua inclemência e no seu determinismo fatal: a vida com sua ligação necessária ao sofrimento e à dor e com seu desenlace fatal na dor suprema da morte.

Para Farias Brito o sofrimento é uma característica marcante da condição humana. Estando a vida numa resistência constante a dissolução e ao desespero, sendo a primeira uma força externa e o segundo uma força interna. No caso das descrições das lutas travadas na existência contra a dissolução e seu momento culminante na morte, Sturm, encontra grande similaridade entre o filósofo brasileiro e os existencialistas.

Aqui, para que possamos comparar, lembro as palavras de Sartre sobre a natureza humana: “Assim o existencialismo apegase à idéia duma natureza humana, mas desta vez não é uma natureza orgulhosa de si mesma, mas uma condição tímida, incerta e desamparada”. (SARTRE, 1973, 32)¹

Neste sentido, toda a obra de Farias Brito, apresenta um fio continuo nos “motivos existenciais e interpretação da situação precária do ser humano, que o impulsiona para uma descrição ontológica adequada, a fim de que os homens pudessem lançar bases firmes para a ordem social e o homem pudesse ter a coragem de resistir a forças de dissolução, mesmo à própria morte” (STURM, 1962, 97).

¹ Talvez seja importante lembrar também que Farias Brito morreu em 1917 e Sartre tem sua vida intelectual quase que inteiramente ligada a segunda metade do século XX.

Psicologia e Espírito

Fred G. Sturm, acredita que o problema básico para Farias Brito está na “compreensão completa da natureza humana e do lugar do espírito humano na realidade histórica e universal. É por isso a importância que ele atribuiu à ciência da psicologia”. Essa ciência esteve presente entre as inquietações do pensador cearense desde os seus primeiros escritos.

As preocupações com a psicologia pretendem responder, para Farias Brito, qual o valor ontológico da experiência espiritual, pois, é a psicologia que deverá solucionar o problema do espírito. No entanto, é preciso fazer um duplo esclarecimento acerca do que se compreende aqui por espírito e psicologia.

Por “espírito” podemos entender toda a experiência subjetiva. A “psicologia”, por sua vez, é a ciência que irá estudar o espírito, ou dito de outro modo, irá examinar todos os dados da consciência (BRITO, 1914, 22-23).

Entretanto si a psicologia é a ciência do espírito, si é a ciência nascida dessa exigência universal que veio a encontrar sua expressão mais precisa, na formula socrática: - conhece-te a ti mesmo, - compreende-se que esta ciência existe desde que se apresentou em face da natureza um ser pensante, e por conseguinte, desde que existe o homem. Pode dizer-se que é a mais velha das ciências. (...) A psicologia é uma ciência intuitiva e concreta, uma espécie de visão interior consubstancial com o sujeito, e deste modo não é somente conhecimento, mas energia e vida. (...) A psicologia estuda a realidade em si mesma, o ser em seu mistério interior, em sua

significação mais íntima e profunda, numa palavra, o ser consciente de si mesmo.

No que diz respeito ao termo psicologia, ainda é necessário fazer alguns esclarecimentos. Farias Brito faz três usos diferentes deste termo:

1. Quando chamada de psicologia “científica”, “empírica” ou “experimental” o filósofo brasileiro está se referindo a uma pseudopsicologia, ou ao que Husserl irá chamar de “psicologia experimental”. Entendida assim, a psicologia esta relacionada com a busca dos dados psíquicos no organismo psíquico-fisiológico. Ora, para Farias Brito, o objeto da psicologia, enquanto ciência do espírito, é o sujeito. No entanto, ao abordar o sujeito como objeto, a “psicologia científica” cai no erro de tratar o organismo apenas por seu lado exterior².

2. Entretanto, Farias Brito irá ressaltar o papel de ciência auxiliar da psicologia experimental. Neste sentido, ela buscará estudar e indicar os limites da estrutura do espírito.

3. A chamada “psicologia do espírito” é a psicologia propriamente dita. Ela é o conjunto das ciências que estuda os dados do espírito como resultado das ações espirituais. Neste sentido, irá se deter no

² Aqui, julgamos importante fazer uma breve citação de Husserl: “(...) a Psicologia experimental é um método para se registrarem porventura factos preciosos e regulações psicofísicas, mas que carecem de toda a possibilidade da compreensão mais profunda e da definitiva valorização científica, sem a ciência da consciência imanentemente investigadora do psíquico”. HUSSERL, Edmund. *A filosofia como ciência de rigor*. Atlântica, Coimbra, 1965.

sujeito, levando em consideração somente o aspecto subjetivo, psicológico. Correspondendo a “psicologia fenomenológica” de Husserl.

4. A Psicologia transcendental refere-se ao método proposto por Farias Brito, no qual, se pretende fazer uma “tentativa de solução dos problemas da filosofia primeira pela psicologia”. Neste sentido, seria propriamente a “fenomenologia transcendental” husserliana.

Método

Aqui, entramos diretamente na questão da metodologia proposta por Farias Brito. Neste sentido, Sturm, faz o seguinte comentário: “Quanto aos motivos, a obra de Farias Brito se relaciona com a corrente existencialista; quanto ao programa filosófico esboçado por ele, bem como à metodologia proposta, o pensamento do filósofo brasileiro possui muita similaridade com a fenomenologia, às vezes com a fenomenologia husserliana, outras vezes com a fenomenologia dos seguidores de Husserl, ortodoxos ou heterodoxos” (STURM, 1962, 100). Para Sturm, existem notáveis paralelos entre a metodologia indicada por Farias Brito e a proposta fenomenológica³(BRITO, 1957, 35).

Parto deste princípio: o fundamento real, o critério último de toda a verdade é o testemunho direto da consciência, de modo que para mim quando qualquer conhecimento estiver de acordo com esse testemunho, é verdadeiro; quando em

³ Uma das possíveis explicações para tal similitude pode estar na mútua influência sofrida por Faria Brito e Husserl do livro *Os princípios de psicologia* de William James

desacordo com ele, é falso. E é o que não depende de prova, porque não se ignora que a consciência é o órgão mesmo do conhecimento, sendo que nenhum conhecimento pode haver que não seja transmitido por esse órgão, nem pode ser verdadeiro sem que esteja em conformidade com ele. Isto poderia ser dito ainda mais claramente afirmando-se que fora dos limites da consciência nenhum conhecimento é possível, sendo evidente que não podemos conhecer uma coisa de que não temos ou não podemos ter representação na consciência.

A metodologia de Farias Brito pode ser exposta em dois axiomas psicológicos: 1º o conhecimento tem a sua fonte essencial na consciência do sujeito. 2º o espírito só pode ser observado através da introspecção.

O método introspectivo está baseado em várias etapas:

1. Tomada da experiência do espírito em todo o seu conjunto, nesta etapa, busca-se revelar a consciência em si e o que está na consciência.
2. Desligamento da feição subjetiva da experiência individual, buscando realizar a análise do aspecto objetivo.
3. Análise do aspecto subjetivo, procurando encontrar a verdade do espírito humano: “o mundo interior *deste* homem”, a introspecção direta.
4. Para evitar o solipsismo intrínseco na fase anterior, Farias Brito propõe, também, uma introspecção indireta que leva em conta as manifestações externas dos fenômenos da

consciência, nesta acepção, serão introduzidas no método da introspecção, várias ciências do espírito. Cabendo ressaltar ainda, a importância dada por Farias Brito a História, a Estética e a Linguagem. Neste momento, temos por tanto a introspecção indireta.

5. Por fim, Sturm acredita encontrar nesta última etapa a psicologia transcendental propriamente. Ou seja, um método que se baseia diretamente na própria consciência. Passando, em seguida, a interpretação da realidade a partir da luz adquirida na consciência: “Do fato sentido da existência humana se transcende ao conhecimento da essência universal. Importante é – notai vós – que ele meramente propôs este método, sem usa-lo”.(1962, 103)

Como ficou evidente, Farias Brito, apenas esboça um programa a ser realizado, no que diz respeito a uma metodologia. Fred G. Sturm, acredita que o “caráter incompleto” da obra britânica pode ser explicado por duas razões: A primeira reside numa afirmativa de Farias Brito: a de que a obra filosófica é uma tarefa cooperativa e que não pode ser levada a efeito por um só homem: “o assunto é imenso, e de certo não cabe nas forças de um homem”.⁴ (BRITO, 1914, 41).

⁴ Neste ponto, também encontramos uma atitude semelhante em Husserl, narrada por Júlio Fragata: “Não sem humor, declarava em 1930, com mais de 70 anos, que ‘se lhe fosse concedida a idade de Matusalém’, poderia ainda aspirar à elaboração duma Filosofia e tornar-se assim verdadeiro ‘filósofo’. Mas teve que se contentar com ser apenas um contínuo ‘principiante’, vendo, apesar de tudo, ‘diante de si estendida a ‘terra prometida’, a terra da verdadeira

A segunda razão estaria associada ao fato do pensador brasileiro estar invariavelmente insatisfeito e isto se revela em suas próprias palavras, citadas por Sturm: “O infinito me fascina e me penetra... Se uma voz me falasse do alto, dando-me a chave de toda a verdade, tudo estaria resolvido... Mas essa voz não me fala. E a treva continua impenetrável, não somente fora, como ainda dentro de mim mesmo”.(STURM, 1962, 105)

Conclusão

O estado de mito em que Farias Brito foi alçado durante longos anos, bem como, o desprezo que logo se seguiu, não fazem jus ao esforço intelectual realizado por este filósofo brasileiro para o desenvolvimento de suas idéias filosóficas.

Farias Brito já foi considerado panteísta e pessimista. Muitos acreditam que este panteísmo seja fruto da influência espinosista e o pessimismo da influência de Schopenhauer e Hartmann.

Por isso, a importância da nova perspectiva interpretativa apresentada por Fred G. Sturm sobre Farias Brito quando o americano expõe que a filosofia do brasileiro capta a problemática da existência humana na sua precária e constante busca da essência, com isso, é possível aproximar o filósofo brasileiro dos principais movimentos filosóficos do século XX.

Cabe, portanto, uma maior reflexão sobre esta possibilidade interpretativa, uma vez que o pensamento de Farias Brito em muitos momentos parece antecipar conclusões ou perspectivas semelhantes ao Existencialismo e à Fenomenologia. O que não pode

continuar acontecendo é esse quase que completo desprezo pelo pensamento de Farias Brito em detrimento de tanta mediocridade estudada na academia brasileira em que, muitas vezes, só são levados em consideração os modismos efêmeros e pueris.

Farias Brito nos deixou um itinerário de suas preocupações e, a partir dele, podemos ter uma melhor idéia do destino do seu pensamento (BRITO, 1957, 34-35):

É certo que nada é mais eloqüente e nada se impõe de modo esmagador e terrível do que o contraste que existe entre o nada de todas as grandezas humanas e a majestade infinita da natureza. Mas tudo vem de longe, e nada do que é grande, começou grande. Por isto devemos acreditar na elevação de nosso destino, nem outra coisa se pode supor, quando tudo demonstra e se sente que há perfeita conformidade dos nossos destinos para com o destino universal, pelo que a miséria, o sofrimento, a morte, em uma palavra, todas as formas de dor, devem ser consideradas não como o fim, mas como meios tendentes à realização do fim a que é destinada a natureza humana. E como estamos acostumados a ver que as cousas valem tanto mais, quando maiores são os esforços e sacrifícios com que são obtidos, a conseqüência é que o destino da humanidade é tanto mais elevado quando mais profundos e mais dolorosos são os sofrimentos humanos, encontrando-se por esta forma a legítima explicação da verdadeira significação do sofrimento e da dor, e a única interpretação possível da verdadeira significação da morte.

filosofia”. FRAGATA, Júlio. A filosofia de Edmund Husserl. Edições da Revista “Filosofia”, Lisboa: 1961. Págs. 40-41.

Referências:

BRITO, R. de Farias. **A base física do espírito**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1912.

_____. **O mundo interior**. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1914.

_____. **Finalidade do mundo**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.

FRAGATA, Júlio. **A filosofia de Edmund Husserl**. Lisboa: Edições da Revista "Filosofia", 1961.

HUSSERL, Edmund. **A filosofia como ciência de rigor**. Coimbra: Atlântica, 1965.

RABELO, Sylvio. **Farias Brito ou a aventura do espírito**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

SANSON, Vitorino Félix. **A metafísica de Farias Brito**. Caxias do Sul: Educus, 1984.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

STURM, Fred Gillette. *O Significado atual do pensamento britânico*. **Revista Brasileira de Filosofia**. São Paulo-Fortaleza: IBF, 1962.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

CERQUEIRA, Luiz Alberto. **Filosofia Brasileira: Ontogênese da consciência de si**. Petrópolis: Vozes, 2002.

JAIME, Jorge. **História da filosofia no Brasil**. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1997.

* **ELTON MOREIRA QUADROS** é Professor de Filosofia na Faculdade de Juvêncio Terra e no Instituto de Filosofia Nossa Senhora das Vitórias.